

## **Revista Potência**

**Ano 5 - N.º 41 - Outubro 2008**

### **MATÉRIA DE CAPA: Risco e Oportunidade**

Crise internacional chega ao Brasil e preocupa empresários do setor eletroeletrônico. No entanto, não há sinais de desespero, como ocorre em outras regiões do mundo. Ao contrário, há quem diga que o mercado poderá ser fortalecido ao final da turbulência.

A crise econômica que sacode o mundo de forma mais aguda desde setembro trouxe incertezas ao mercado eletroeletrônico nacional. Apesar do governo federal, principalmente na figura do presidente Lula, inicialmente tentar diminuir o seu tamanho, o fato é que já no mês de outubro os sinais da grande crise se apresentavam em nosso País, e com eles, muitos desencontros de informação. Projeções se tornaram quase que impossíveis. Os especialistas, até hoje, sequer conseguem dimensionar a amplitude dos problemas e, em sua maioria, não se arriscam a prever o fim da instabilidade.

Tensões à parte, há quem afirme que o Brasil, de fato, tende a sentir em menor escala os efeitos da turbulência e que o País não entrará em depressão. Os efeitos passariam pela redução no ritmo de crescimento e não pela paralisia. E isso, em vários dos setores da economia, deve ocorrer apenas a partir do próximo ano, já que para 2008 não são esperados efeitos negativos significativos.

E este parece ser o sentimento dos players que atuam no setor eletroeletrônico nacional que, em grande parte, não acreditam em alterações profundas em relação ao desempenho projetado para 2008. Para eles, os problemas tendem a afetar o mercado no próximo ano, freando a boa velocidade de expansão registrada nos últimos anos. Em enquête realizada pela Revista Potência junto a algumas empresas deste segmento, entre os dias 22 de outubro e 7 de novembro, esta sensação se confirma. Entre as 47 empresas que participaram do trabalho, 91,5% afirmaram que a crise tende a afetar seus negócios em 2009. Em relação a 2008, o índice ficou em 57,4%.

No entanto, a maioria absoluta das companhias (89,4%) indicou que irá fechar o atual ano com crescimento, sendo que 51% delas deverão registrar incremento no faturamento acima de 16%.

Neste trabalho, chamam a atenção as projeções de faturamento para 2009. Seguindo o movimento deste ano, a maioria das empresas prevê incremento (85,1%), sendo que 31,9% delas apontam para índices acima de 16%. Apenas 8,5% estimam que haverá retração e 6,4% apostam na estabilidade. Como se vê, mesmo a desaceleração poderá não ser tão grande.

Dados da sondagem que a Associação Brasileira da Indústria Elétrica e Eletrônica (Abinee) fez na última semana de outubro junto a seus associados também apontam

para este sentido. No período em que ocorreu o trabalho, verificou-se que os negócios até melhoraram em relação a semanas anteriores, fato que reforça a percepção de que a atividade industrial pode continuar aquecida. Por outro lado, o levantamento revelou que o empresariado demonstra preocupação com as atividades em 2009, em função dos possíveis reflexos causados pelos baixos índices de vendas no mês de outubro e da postergação de investimentos que estavam previstos. Mesmo assim, a projeção da associação é de um crescimento da ordem de 8% em 2009.

O sentimento das empresas do setor não difere muito do que vemos na economia como um todo. "Nossa expectativa é de que, num cenário mais provável, o crescimento do PIB seja de 3,5% em 2009. Em boa parte, já temos encomendado um crescimento de pelo menos uns 2%. Temos alguns pontos de sustentação dessa

expectativa, como um mercado de trabalho ainda bastante aquecido, que não deu mostras de desaceleração. Quer dizer, a renda cresce acima da inflação, assim como o número de empregos, principalmente os formais. Do ponto de vista de formação de demanda básica - renda e trabalho - estamos num ritmo de aceleração", comenta Fernando Camargo, sócio-diretor da [CA, empresa paulista de consultoria econômica.

### **Variação cambial anuncia chegada da crise ao Brasil**

De todos os pontos da economia, o que primeiro revelou os efeitos da crise no Brasil foi, sem dúvida, o câmbio - em outubro, a desvalorização média do real frente ao dólar ficou em 17%. E ele tem incomodado. Não tanto pela subida da moeda americana - que era até uma reivindicação do mercado. Mas sim pela maneira 'violenta' e rápida como este fenômeno ocorreu e, principalmente, pela sua atual volatilidade. A enquête da Revista Potência revelou que 89,3% dos entrevistados entendem que a variação cambial é o ponto da economia que mais preocupa no momento, seguida por uma eventual queda de consumo no mercado interno, item que foi mencionado por 74,4% dos participantes.

"No fundo, a taxa de câmbio é a relação do Brasil com o resto do mundo em termos monetários, e foi o primeiro item a revelar este tipo de descompasso de como a crise chegou e em que proporção. Enquanto isso não ficar mais claro, como o valor do dólar, por exemplo, passamos até a ter o risco de inflação. Para se precaverem, as empresas podem, por exemplo, precificar o dólar num patamar de R\$ 2,50 e realimentar um processo inflacionário que leve o Banco Central a aumentar juros", observa Fernando Camargo, para quem o dólar poderá se equilibrar em torno de R\$1,90. 'É uma projeção razoável", diz.

Paulo Roberto de Campos, diretor Colegiado da Associação Brasileira dos Revendedores e Distribuidores de Materiais Elétricos (Abreme), ratifica que a oscilação do dólar prejudica. "O mais importante neste momento não é a taxa, mas sim a estabilidade do câmbio. A volatilidade do câmbio, que é forte no momento, impede que as empresas que dependem de produtos e insumos importados formem os preços de venda. Elas não conseguem, pois o dólar sobe e desce o tempo todo", explica.

### **Equilíbrio cambial pode oferecer vantagens**

Mais que permitir que a formação de preços ocorra de maneira adequada, a estabilidade cambial tende a trazer vantagens para o setor eletroeletrônico, principalmente se a moeda americana estacionar entre R\$ 2,00 e R\$ 2,10 - faixa considerada interessante por muitos empresários. Isso porque, no entendimento das indústrias instaladas no País este patamar traz competitividade para as empresas tanto no mercado interno, como no externo.

Hilton Moreno, presidente da Associação Nacional de Fabricantes de Produtos Elétricos Nema Brasil, comenta que sua entidade fez uma reunião no final de outubro com alguns associados para debater a crise e um dos pontos abordados foi justamente o câmbio. E sua alta foi bem-aceita. "Um sentimento geral é de que R\$ 2,00 seria um patamar de equilíbrio do ponto de vista do fabricante entre o custo dele importar componente e matéria- prima, e o preço razoável para repassar ao mercado. Seria um valor adequado para a nossa indústria", comenta o executivo, lembrando que, antes da crise, o câmbio não apresentava um ponto natural de equilíbrio, com o dólar a R\$ 1,60.

Além disso, Moreno destaca que, no caso de multinacionais, um dólar acima de R\$ 2,00 pode ajudar as subsidiárias aqui instaladas a passarem a produzir no Brasil itens que, até então, eram trazidos de outras unidades espalhadas pelo mundo, principalmente da China. Ele lembra que, com o dólar desvalorizado, as empresas

foram desestimuladas a fabricar no País. As importações se mostravam bem mais vantajosas, tanto para a empresa como para o consumidor.

Com o dólar valorizado isso muda. "Há cerca de um ano temos observado que os associados da Nema têm demonstrado mais interesse pelo Brasil. Primeiro, pelo mercado interno, em função da economia crescente. Segundo, porque o País pode ser interessante como plataforma de fabricação. Eles querem tirar um pouco da dependência da China, buscando novos mercados, e a América Latina é observada com interesse, sendo que, para a região, o Brasil é visto como primeira opção para plataforma produtiva. Uma das restrições era o câmbio. Com seu deslocamento para cima, as condições se tornam ainda mais favoráveis", completa Hilton Moreno.

### **Da instabilidade também surgem oportunidades**

O presidente da Nema entende que não apenas as multinacionais podem 'se deparar' com oportunidades durante e, principalmente, após a crise. Se as expectativas se confirmarem e o Brasil não sentir tanto os efeitos da turbulência, ele acredita que o setor elétrico como um todo pode até sair fortalecido no País. Evidente que algumas empresas poderão sofrer mais que outras, inclusive com algumas fechando as portas. Mas, no todo, o mercado tem boas chances de se ver em melhores condições. "Num pensamento macro, tenho convicção de que sairemos da crise melhor do que quando entramos. E por diversos fatores. O câmbio é apenas um deles. Outro ponto diz respeito ao preço das matérias-primas usadas na indústria elétrica, que estavam absurdamente fora da realidade. Com a crise, a impressão é de que o mercado tende a se ajustar. E as empresas que, nesse momento, tiverem calma, cautela e, por trás, uma saúde financeira boa, tendem a sair fortalecidas. O setor como um todo sairá melhor disso", projeta.

Paulo Roberto de Campos, da Abreme, também vê a possibilidade do setor elétrico sair bem da turbulência. "O Brasil está sendo um dos últimos a entrar na crise, e talvez seja um dos primeiros a sair dela. E as empresas também. Acho que elas não saem enfraquecidas. Saem mais experientes, enxutas e, principalmente, mais eficientes", afirma.

Campos cita que o fato do empresariado brasileiro já ter passado por diversas crises nas últimas décadas ajuda neste momento. Daí ele demonstrar preocupação, mas, em nenhum momento, desespero, como observamos em outros países. Além disso, o bom momento vivido pela economia brasileira e a saúde demonstrada pelo sistema financeiro nacional colaboram para que o empresário tenha o mínimo de confiança em relação ao futuro.

Como a falta de confiança tem sido um dos pilares da crise, se não o principal, é possível que as empresas sintam menos os efeitos negativos e, por outro lado, saiam em busca de oportunidades.

"A dificuldade financeira e a falta de perspectiva que toda crise traz acabam criando novas situações, e isso força os quadros gerenciais das empresas a buscarem soluções para melhorar processos e métodos operacionais, reduzir custos fixos, eliminar ineficiências, enfim, são situações que acabam resultando em aumento de competitividade e até de margens. A crise leva os que estão atentos a ela a estas situações, inclusive mudando estratégias, abrindo mercados e ganhando novos parceiros comerciais", destaca o diretor Colegiado da Abreme.

### **Lojistas contabilizam bons resultados**

Quanto aos riscos para os distribuidores de material elétrico, Paulo Roberto de Campos novamente cita a volatilidade cambial, que tem impactado na formação dos preços, inclusive com alguns aumentos e cancelamentos de importações, com conseqüente

falta de produto. Outro risco é uma possível queda de consumo no mercado interno, visto como um dos pilares de sustentação da economia nos últimos anos. Por fim, ele cita o adiamento de investimentos por parte da indústria privada. De qualquer modo, ele acredita que 2008 acabe bem para os distribuidores, principalmente em função do consumo nas empresas industriais na área de manutenção e expansão e da grande quantidade de projetos que estão em andamento e que não podem parar. Sua expectativa é que o crescimento para o setor neste ano gire entre 10% e 11%.

"As maiores dificuldades ficam para os próximos meses, já em 2009. Aí sim poderemos sofrer como adiamento de projetos por força da crise mundial. Então, 2009 começa com dificuldade, embora a economia interna do País ainda esteja pujante. Se o PIB apresentar incremento em torno de 3%, podemos crescer entre 5% e 6%", completa. A situação do varejo de material elétrico é parecida, com os revendedores fechando 2008 sem influência significativa da crise, porém, sentindo os efeitos no próximo ano.

"Teremos uma crise de crédito, que tende a inibir alguns negócios, notadamente aqueles que dependem de financiamento, como venda de automóveis e eletroeletrônicos em prazos mais dilatados. Mas a partir de 2009", estima Marco Aurélio Sprovieri Rodrigues, presidente do Sindicato do Comércio Varejista de Material Elétrico e Aparelhos Eletrodomésticos no Estado de São Paulo (Sincoelétrico), destacando que a taxa de crescimento prevista para 2008 é de 5% a 6%. Sprovieri entende que a construção civil deverá impulsionar as vendas no setor, fato que vem ocorrendo há algum tempo. Como existe um grande número de obras em andamento, a expectativa é de que, pelo menos por alguns meses, ainda haja uma demanda importante por material elétrico de instalação. Por outro lado, também tem um bom volume de obras públicas em implementação, que não deverão parar, até em função da proximidade das eleições presidenciais, em 2010. O presidente do Sincoelétrico lembra que o primeiro trimestre do ano, historicamente, não é bom, portanto, não deve evidenciar os efeitos da crise. "Vamos começar devagar, como sempre ocorre. O que pode acontecer é que, passada esta fase, as vendas talvez não se acelerem no ritmo imaginado. Não que haja retração, mas também não andarão muito para frente", ressalta Sprovieri, que acredita que 2009 será um ano razoável, sem grandes solavancos, mas com baixo crescimento - entre 1% e 2%. O executivo também enxerga oportunidades no horizonte, mas apenas para quem estiver capitalizado, com boa estrutura e situação financeira tranqüila. A tendência para este pessoal é que algumas situações interessantes apareçam, inclusive para a compra de mercadoria e de empresas em dificuldade. Na verdade, trata-se de uma situação que se aplica a todas as companhias, de todas as áreas, e não apenas ao universo dos revendedores.

Para aqueles que não estão bem preparados o momento também oferece a chance de se adequarem e desenvolverem ações que deveriam ter sido deflagradas há muito tempo. São as empresas que sentem que o negócio está em risco e correm para buscar eficiência. Agora, tudo depende de quanto tempo será necessário para que o empresário perceba esta necessidade e do tempo que ele precisa para agir.

### **Escassez do crédito preocupa mercado**

Para se precaverem diante das incertezas, Marco Aurélio Sprovieri sugere aos lojistas que se coloquem numa posição de segurança, principalmente em relação a dois fatores: endividamento e crédito. Ou seja, se endividar pouco, não formar grandes estoques - que geram passivos futuros-, e ter cuidado na análise de concessão de financiamento. "Crédito é fundamental e a tendência é do dinheiro se tornar cada vez mais caro. Portanto, a remuneração de capital de terceiro ficará prejudicial ao varejo que não tenha essa margem para remunerar", completa.

A preocupação com a falta de dinheiro para financiamento não ocorre em vão. Segundo Fernando Camargo, da LOA, o crédito, nesse momento, está praticamente paralisado. Ele cita que o Banco Central já dá os primeiros sinais de que o nível do crédito começou a cair em termos nominais (em setembro e outubro). É um sinal negativo que afeta diretamente os setores que dependem dele, sobretudo os bens duráveis.

"Isso reflete uma situação grande de incerteza dos bancos quanto à capacidade de obtenção de recursos, de liquidez, no futuro. Nem é tanto o medo de calote. É o fato de quem tem algum dinheiro sobrando, liquidez, ficar com o dinheiro guardado. É uma situação típica de falta de confiança", adverte.

O problema é que a falta de dinheiro em circulação e de crédito coloca em risco a realização de negócios e de volumes de demanda para todos os segmentos, o que realimenta o problema. Na medida em que isso gera problemas de demanda aos tomadores de crédito, eles passam a ter problemas para pagar os bancos, que, por sua vez, aumentam os seus problemas de liquidez e retraem ainda mais o crédito.

"É um círculo vicioso grave, mas ainda de proporções não conhecidas. Isso, no Brasil, já prejudica pesadamente a setorial construção civil. Temos empreendedores, incorporadores e construtores com dificuldades de captação de recursos, sejam para obras em andamento ou, principalmente, para novos projetos. Isso também se rebate nos mercados de automóveis e de bens duráveis", alerta Camargo.

### **BNDES alivia situação na área de energia**

Mesmo atingindo a maior parte dos mercados, a escassez de crédito talvez não afete um dos principais mercados relacionados ao setor eletroeletrônico: o de energia. Ao contrário, ao invés de atrapalhar, o crédito pode até ser considerado um trunfo deste segmento num momento de grandes incertezas.

Isso porque os investimentos em geração, transmissão e distribuição (GTD) de energia contam, em grande parte, com o financiamento do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) e, segundo o governo, os recursos continuam à disposição dos investidores.

O BNDES tem financiado cerca de 80% dos investimentos em GTD. É sempre um fator relevante poder contar com um banco de fomento que, de alguma forma, está um pouco imune a esta avalanche financeira internacional. Suas operações estão muito focadas no Brasil, portanto, têm uma certa distância do mundo financeiro internacional. E ele opera com empresas de primeira linha, ou seja, os retornos da sua carteira não estão ameaçados. Contar com o BNDES traz uma vantagem comparativa que não é de praxe por aí, e é um ponto que segura um pouco", salienta Fernando Camargo, da LCA.

Vale ressaltar que as linhas do BNDES, apesar de bem-vindas, não são capazes de garantir que os investimentos nesse mercado ocorram no ritmo esperado. Na visão de alguns especialistas, é possível que investimentos de maior porte, que ainda estão sendo pensados - como os referentes aos próximos leilões - enfrentem eventuais problemas. A expectativa é de que os investidores adotem uma postura mais conservadora num primeiro momento, pelo menos até as coisas ficarem mais claras em relação à crise.

**Claudio Sales**, presidente do **Instituto Acende Brasil**, observa que, mesmo com o eventual conservadorismo, os riscos de estagnação são menores na área de energia. "Falando de outros segmentos, a paralisia ocorre por duas razões: pela falta de financiamento e pela diminuição mais flagrante da demanda. Nestes dois departamentos

o setor elétrico está numa situação melhor comparativamente. De fato, nosso mercado cresce em função do incremento do PIB, mas ele não pára. Por outro lado, é um setor que tem contratos que sustentam a expansão, que são de longo prazo, ideais para serem financiados", explica.

Sobre o consumo de energia, Saies prevê que haverá crescimento de demanda, porém, em patamares inferiores aos projetados antes da eclosão da crise. Ele observa que as projeções oficiais a partir de 2008 eram de incremento médio de 4,7% na demanda de energia, mas que este número tende a ser revisto para baixo, resultado do menor crescimento da economia.

### **Área de GTD tem posição favorável**

O ritmo menor de crescimento, no entanto, não significa que as coisas vão ficar tão difíceis. **Claudio Sales** analisa que a situação da área de GTD pode ser considerada mais favorável em relação a outros setores. E não apenas em função das vantagens oferecidas pelas linhas de financiamento do BNDES. A parte de distribuição, a despeito da crise, tem o seu fluxo de receita e o nível de risco associado a ele bastante consolidados. "O setor elétrico atende, hoje, a mais de 97% da população brasileira. É o serviço público mais disseminado e, portanto, o mais eficiente de todos. Isso continua e faz com que as distribuidoras continuem prestando serviço e fazendo investimentos conforme programado. A diminuição da taxa de crescimento desta demanda impõe, seguramente, um desafio para as empresas, mas não necessariamente uma ameaça, porque ela tende a se adaptar na esperança que isso seja reconhecido pelo regulador", explica.

Na geração de energia também há aspectos que favorecem. Hoje, as distribuidoras consomem cerca de 70% do que é gerado - mercado cativo -, e 30% é consumido no mercado livre. Ocorre que para atender o mercado cativo é dado ao empreendedor que investe em novas usinas um contrato de longo prazo, através dos leilões regulados pelo governo.

São contratos de 30 anos para usinas hidrelétricas e de 15 para usinas termelétricas ou de outras fontes quaisquer. São contratos de baixo risco, porque na ponta compradora estão as próprias distribuidoras, o que dá um certo conforto ao empreendedor. É uma vantagem para o setor elétrico porque, a despeito da crise, faz com que para a maior parte da oferta de novas usinas se tenha ainda uma posição de segurança. Na transmissão é exatamente a mesma coisa, ocorre o mesmo fenômeno", destaca **Sales**.

Mesmo diante de uma situação melhor que a maioria dos setores da economia, a área de GTD também pode 'aproveitar' o momento de turbulência para fazer correções de rotas. Até porque, há pontos que não estão totalmente resolvidos no segmento. "Têm algumas questões em discussão que, neste momento, podem ganhar força. A área de energia, há algum tempo, tem insistido em destravar investimentos. Dois exemplos disso: desde o último modelo do setor elétrico, em 2004, o segmento de distribuição está completamente isolado dos outros setores. Quem atua nesta área gera caixa na distribuição de energia e não pode fazer nada com esta caixa, a não ser manter na própria distribuidora. Isso empoeira a liquidez e leva à ineficiência, pois é um setor que gera bastante caixa. É preciso mudar isso, permitindo que a distribuidora possa participar, por exemplo, de algumas ações de geração, participando de leilões em consórcios", cita Fernando Camargo.

Na outra ponta, o setor estatal, que ainda controla o grosso da geração, tem uma série de restrições ao financiamento. São empresas engessadas para buscar uma estrutura de financiamento eficiente, assim como fazem as companhias privadas. Então, estas

empresas têm que entrar como sócias em consórcios, têm que ser minoritárias no consórcio e é uma costura que não é fácil de fazer.

Aí tem uma pauta grande para permitir que empresas estatais, geradoras de caixa, saudáveis, e não dependentes da união - que têm caixa para dar conta dos seus custos operacionais sem recorrer ao tesouro - tenham o máximo possível de igualdade com o setor privado para poder fazer uma estruturação financeira mais eficiente e, portanto, aumentar o volume de recursos para investimento no setor elétrico.

"É possível que nesses momentos, em que começa a haver risco de falta de players para investirem, este tipo de aperfeiçoamento das leis ganhe mais apelo e se consiga sensibilizar o governo de que algumas restrições são absurdas e desfavoráveis ao setor", completa Camargo.

### **Opinião - Valores precisam ser reavaliados**

É uma experiência única a que estamos vivendo nesses últimos dias. Não sei como será descrita pelos estudiosos daqui a alguns anos, como a queda do mundo globalizado, o pânico generalizado da economia ou mais um ajuste geral. O pânico surge quando o terror substitui o pensamento e a razão. E o momento revela uma total falta de razão. Há dois meses, as empresas, commodities e o mercado iam relativamente bem. De repente, tudo mudou, como se regras e princípios não funcionassem mais. Mas a opinião, segundo a qual esses preços foram gerados por pânico, é, na verdade, bastante esperançosa. Sugerindo que a realidade pode não ser tão ruim e, mais cedo ou mais tarde, os mercados vão acordar e mostrar sua recuperação.

Deveríamos, todos, torcer para que seja verdade. É muito mais assustador se os mercados não estiverem em pânico, mas, na realidade, funcionando bem e contabilizando adequadamente as probabilidades. Essa fuga descontrola a venda de ativos e, sem dúvida, lembra uma manifestação de pânico. A maneira e intensidade com que os mercados estão contabilizando catástrofes, antecipadamente, são inéditas em tempos modernos. Títulos de empresas, por exemplo, estão sendo negociados em níveis coerentes com taxas de inadimplência em torno de 50%, sendo que até agora isso não ocorreu.

Já deveríamos estar familiarizados com a volatilidade dos mercados. Quem tem pouco mais de vinte anos de trabalho e já passou por muitas crises internas, poderia atirar que já passou por tudo o que poderia pensar, até dois meses atrás.

Penso que estamos passando por um grande ajuste. Talvez, pelo maior que já tenhamos passado. Como, nesses últimos anos, foi criado tanto valor do nada? A economia parece não ter sentido. Empresas dobraram ou triplicaram de valor sem qualquer motivo justificável. Isso tem que ter um fim.

Agora, estamos ouvindo falar rapidamente da economia real, como se ela tivesse deixado de existir. E o valor intrínseco das coisas está cobrando seu retorno. Não é possível criar riqueza do nada, mas a economia dos derivativos e do mercado futuro fez alguns milagres, porém, não por muito tempo.

Esse nosso modelo de crescimento contínuo e sem limites deverá passar por uma reavaliação global. O planeta, com seus recursos limitados, não comporta um crescimento ilimitado. Por que temos sempre que crescer? Estudos mostram que o crescimento da população mundial está desacelerando e, por volta de 2035, chegaremos a um ponto de decréscimo da população.

A forma de avaliação de desempenho das empresas tem que ser mudada. Quem sabe se a qualidade de vida e uma melhor gestão dos recursos do planeta poderiam substituir os conceitos usados hoje para melhor avaliar a performance.

Da mesma forma como avaliamos hoje as coisas e, como também, não avaliamos - vejam a crise e o pânico dos últimos meses -o mundo poderia e deveria aproveitar tamanho aviso para reavaliar o valor das coisas, posso estar falando de coisas impossíveis de acontecer, mas tenho a certeza de que esse modelo não se sustentará por mais tempo, grandes mudanças estão por vir.

O mundo vai passar por uma adequação, para um modelo sustentável, e que vai trazer muitos benefícios para as pessoas, as novas tecnologias vão ser cada vez mais incentivadas e vão gerar os novos postos de trabalho de que precisamos, só espero que o caminho até lá não seja demorado.

Roberto Said Payaro, Diretor Cologiado da Abreme

### **Opinião - Volatilidade cambial faz setor rever crescimento**

No mês de outubro, a crise econômica mundial interferiu seriamente nas decisões da indústria eletroeletrônica, que preferiu aguardar melhor definição dos seus efeitos. Às vésperas de reabastecer as redes varejistas para o fim de ano, a maior dificuldade das empresas está na formação dos preços, principalmente, de produtos que contêm maior parcela de insumos importados, em função das fortes oscilações do dólar.

Além disso, as empresas não querem estabelecer preços usando uma taxa de câmbio preventiva, porque poderão perder mercado para outras que estabelecerem taxas menores. Desta forma, reduziram as compras, passando a utilizar os estoques existentes ou restringiram-nas ao volume necessário para manter a produção. Vale lembrar que a desvalorização do real aumenta a competitividade dos produtos brasileiros no mercado interno em relação aos importados, e estimula as exportações, reduzindo o seu preço em moeda estrangeira no mercado internacional. Porém, aqui também a volatilidade cambial inviabiliza qualquer tipo de tentativa de projeção de negócios. Esperamos que esta possa terminar o quanto antes.

Em recente sondagem da Abinee, as empresas comentaram que os negócios que já estavam em carteira não foram cancelados, porém, notaram redução de novas encomendas. Nas primeiras duas semanas de outubro, elas reclamaram da ausência de novos pedidos, justificada pela incerteza quanto às repercussões da crise mundial no mercado real da economia. Porém, na segunda quinzena, foram relatadas entradas de novas encomendas, com ritmo mais tímido do que nos meses anteriores, dando sinais de continuidade na produção da indústria eletroeletrônica.

Outro fator apontado na sondagem, e que está inibindo os investimentos, é o aperto na concessão de crédito tanto para as empresas como para o consumidor. Esse aperto ocorre em função do aumento das taxas de juros e redução dos prazos de financiamento.

Como se vê, as empresas do setor eletroeletrônico iniciaram o mês de outubro com elevado grau de apreensão, e mantiveram a cautela no decorrer do mês, esboçando uma expectativa mais favorável na última semana.

É unânime, porém, para a indústria eletroeletrônica, que o País passará por dificuldades, mas muitas acreditam que o Brasil tem condições de superar a crise, visto que o setor real da economia está sendo menos afetado que o mercado financeiro.

Oxalá, a desconfiança natural gerada nestes momentos de incerteza possa ser rapidamente superada, permitindo a manutenção dos investimentos fundamentais

para o bom desempenho do Brasil no mercado internacional. Para os próximos períodos, o País terá de se adaptara uma nova fase, com taxas de crescimento inferiores às dos anos anteriores, o que deverá acontecer, também, com o setor eletroeletrônico. Esperávamos, para este ano, um crescimento nominal de cerca de 11%, mas, diante da atual situação de volatilidade e conseqüente atraso na formação dos preços, deveremos promover uma revisão para baixo no faturamento das indústrias do setor.

Humberto Barbato, presidente da Abinee

### **Opinião - Por que não sermos otimistas?**

Estamos no Início de novembro de 2008 e, até que este artigo seja publicado muita coisa pode, ou não, ter se alterado no cenário econômico mundial depois de termos sido (se é que podemos afirmar) "surpreendidos" pela crise financeira que teve seu epicentro nos Estados Unidos, mas que acabou resvalando de maneira contundente nas economias do mundo todo.

Bombardeados que somos diariamente pelo sobe-e-desce do dólar e das Bolsas, pelas "ondas de pânico" e pela adoção de uma dezena de expressões que incluem, entre outras, a tão citada "volatilidade", mas que pouco ou quase nada explicam sobre a real complexidade da crise, confesso que tenho refletido muito sobre como me comportar e reagir não apenas como empresário e cidadão, mas também como presidente da Abilux e do Sindilux, entidades que congregam mais de 600 empresas do setor da iluminação entre pequenas, médias e grandes.

Se pensarmos que a crise caiu sobre nossas cabeças exatamente no momento em que a grande maioria das nossas empresas se prepara para planejar 2009, fica difícil manter o otimismo. Mas para quem, como eu, já vivenciou e superou seguidas crises nas últimas décadas, não será a primeira do século XXI que irá me transformar em mais um pessimista de plantão.

O bom desempenho da construção civil, que nos últimos anos registrou crescimento representativo dentre os principais segmentos econômicos do País, garantirá, com certeza, que o setor da iluminação mantenha níveis de crescimento em torno dos 7% previstos para 2008 e entre - 4% e 5% para 2009. Como nossos produtos estão entre os últimos a serem instalados em uma construção, acredito que os reflexos da redução dos recursos e da oferta de crédito para o setor imobiliário, se vierem a ser sentidos, só serão no próximo ano.

No entanto, não podemos ignorar que novas perspectivas podem se abrir neste período. Falo da possibilidade real 1 de que investidores desiludidos com os resultados das Bolsas migrem seus investimentos para imóveis ou ainda para a poupança, o que aumentaria a oferta de recursos para o crédito imobiliário. Há ainda a promessa do Governo de que os investimentos previstos para as obras do PAC serão mantidos. O FMI (Fundo Monetário Internacional) divulgou relatório em que afirma que a economia mundial deverá crescer 3% em 2009, índice que indica que viveremos uma recessão global. Segundo este mesmo relatório, países emergentes como o Brasil sofrerão menos que os demais. Some-se a isso o fato de que países da União Européia e os Estados Unidos terem tomado medidas de ajuda para resgatar bancos falidos e garantir seus depósitos, numa clara demonstração de que o mundo não deseja ver repetida a história iniciada em 1929.

Muito da minha aposta, de que conseguiremos superar mais esta crise sem que danos mais profundos comprometam a nossa capacidade de produção, a manutenção da mão-de- obra e a atividade comercial, tem como base a percepção de que os governos, inclusive o brasileiro, estão dispostos a tomar medidas que irão minimizar as

conseqüências desse tsunami, de que os nossos bancos são sólidos e de que os empresários que já passaram por tantas oscilações econômicas, saberão uma vez mais conduzir os seus negócios com mãos firmes para que, no curto prazo, esta seja mais uma crise que passará a fazer parte da história.

Carlos Eduardo Uchôa Fagundes, presidente da Abilux / Sindilux